

ORACAM

21
FVNEBRE.

QVE

NAS HONRAS DO ILLVS-
trissimo Senhor Dom Rodrigo de
Lencastro.

FEITAS NO SEV MOSTEIRO
dos Capuchos Arrabidos da villa de
Santarem a 8. de Feuereiro
de 1658. disse o Padre

Fr. SALVADOR DO SPIRITO
sancto da mesma Ordem.

ASSISTINDO NELLAS A NOBRESA, ETC-
dos os Prelados regulares, & seculares.

EM LISBOA.

Com todas as licençãs necessarias.

Na Officina CRAESBEECKIANA. Anno 1659.

ORACAM

FVNEBRE

QVE

NA S HONRAS DO
Illustre Senhor Dom
Leopoldo

TESTAS NO SEV MORTUO
dos Capuchos Amapas da villa de
Santarem a 2 de Fevereiro
de 1678 offe de Tabac

FR. SALVADOR DO S. R. P. M.
Jante da mesma Ordem

ASSISTINDO NELLA A M. M. J. J. J. J.
do oratorio de S. Francisco
EM LISBOA

Com todas as...

No Officio GRAVE MORTUARIA

LICENC,AS.

VI este sermaõ, que nas honras de D. Rodrigo de Lã. castro prégou o Reuerendo Padre Frey Saluador do Spiritu Santo da Prouincia da Arrabida, no seu Conuento de Santarem: não tem cousa algũa que impida o poderse imprimir. Lisboa no Collegio de Santo Agustinho 17. de Agosto de 1658.

Fr. Christouaõ de Almeyda.

Vistas as informações, pode se imprimir o sermaõ de que se faz mençaõ, & depois de impresso tornarà ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa, 8. de Outubro de 1658.

Diogo de Souza.

Fr. Pedro de Magalhães.

Luis Aluares da Rocha.

Pedro de Castilho.

Pode se imprimir. Lisboa 16. de Outubro de 1658.

F. Bispo de Targa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Oficio, & Ordinario: & não correrà sem tornar à mesa para se taxar. Lisboa 17 de Outubro de 1658.

Mattos.

Monteiro.

Souza.

Barreto.

Esta conforme com seu Original. Lisboa no Conuento de São Domingos 4. de Março 1659.

Fr. Gabriel da Sylua.

Visto estar conforme pôde correr. Lisboa 4. de Março 659.

Pacheco.

Souza.

Rocha.

Castilho.

Taxão este Sermão em vinte reis. Lisboa 14. de Março 659.

Mattos.

Velbo.

Abel defunctus adhuc loquitur.

Ad Hebraeos XI.



Ntes que entremos nas commiserações
pias desta Oração, proteſte primeiro ſua
confuſão o orador, (dia em que ſe per-
ſuadem deſenganos , rezão he que ſejaõ
os proprios os primeiros.) Graue-
mente diſſe S. Gregorio Niſſeno que tanto ti-
nha mais a oração de adequada, quanto
a modestia do orador ſe reconhecía confuſa: *Tunc oratio ma-
ximè meſuram ſuam conſequitur, cùm à rubedine colorata eſt.* En-
camendandoſe ao Patriarca S. Bernardo o ſermaõ das hõ-
ras de S. Martinho Biſpo Turonenſe , naõ podendo o San-
to eſcuſarſe á deuação de [quem lho encomendaua, á viſta
do auditorio deo em publico, eſta ſatisfação vltra condigna:
*Sane audirem eos ego ipſe libentius; ſed quia eligunt, imò exigunt ma-
gis ut loquar, ſi non licet audire eos, eis neceſſe eſt obaudire.* De mel-
hor vótade (diz o deuoto, & Santo P. S. Bernardo) de melhor
vontade quizera eu neſte dia ſer ouuinte de quem me ou-
ue, que ſer orador á viſta de quem me eſc uita; & para o
Santo ſe juſtificar de confuſo, allegou qual era a qua-
lidade, & grãdeza do auditorio : *Equidem viuus ſermo eſt tam
magna coram modestia, qua ſunt virtute ſanctiores, dignitate ſu-
periores, ſapientia locupletiores; & ad audiendum dignati ſunt de-
clinare.* Era o auditorio daquellas honras (muito digo) tam
luſtruoſo como o auditorio deſtas, aſiſtia nelle a maior No-
breza, os maiores Varoens na virtude, os Prelados mais gra-
ues, os Religioſos mais doctos, os Corteſoens mais discre-
tos, os Politicoſ mais entendidos; & achaua S. Bernardo,
que tendo o auditorio tâta efficacia, era obrigação (ſêdo elle
o orador) manifeſtar ſua modestia confuſa. Naõ tiro deſte
primeiro principio a conſequecia, porque me naõ deſa-

nime de todo a confusaõ; onde a opposiçaõ dos fogeitos he taõ excessiua,naõ fora excessõ ficar minha insuficiẽcia defanimada. Basta constar a todos, que foy esta protestaçaõ deuvida à deuaçaõ de quem hoje aos Arrabidos, por seus Capellaens,nos quiz fazer esta honra.

Abel defunctus adhuc loquitur.

Rara marauilha, Senhores! prodigio grande, Christãos! que chege hoje hum defunto a falar para nos dar a todos q̃ entender! Grande intelligẽcianos he hoje a todos necessaria, porq̃ a lingoagẽ da morte naõ he sabida. Para as intelleccoẽs da vida affirmou David q̃ era o entẽdimẽto necessario. *Intellectum da mihi, & uiuam.* Taõ escura lhe pareceo a lingoagẽ da morte, q̃ resolueo, q̃ o melhor entẽdimento naõ entendia mais q̃ o estilo da vida. Todos na vida nos prezamos de iutelligentes, sendo que só os que quando a morte fala a entendem, saõ entẽdidos. Na parabola dos predestinados, & reprobos foraõ sinonimos o entender, & salvar, foraõ termos indifcretos o perder, & o ignorar. Todas as almas que entenderaõ a morte, se saluaraõ, todas as que a naõ entenderaõ se perdẽraõ. Naõ importa menos a intelligencia da morte, q̃ a saluaçaõ: naõ se perde menos em naõ entender amorte, q̃ a alma: pella intellegẽcia da morte nos havemos de saluar, importa aplicar bem os sentidos para a entender. He a liçaõ da morte liçaõ de ponto de nossa saluaçaõ, & como naõ ha de ser se gunda vez repetida, he necessaria grãdissima applicaçaõ para ficar da primeira vez decorada, quẽ bẽadecorou, saluouse; quẽ a naõ percebeo de todo, perdeose.

Morreo Abel, diz o Apostolo S. Paulo, & foy sua morte taõ grande perda para o mundo, que a inda hoje dura em todos o sentimento. Todos tem a inda na morte de Abel em que falar, porque todos nella tiveraõ muito que sentir. Como naõ serã o sentimento commum, se a morte de Abel foi hũa perda vniuersal? Para que naõ estranhẽ a duraçaõ do sentimẽto, vejaõ todos a lastima da perda. Foy Abel, sendo

segundo filho de Adam , o primeiro ramo da arvore da nobreza humana (o primeiro ramo digo , ainda sendo filho segundo, porque á virtude sempre Deos lhe deu a precedencia sem respeito às leis da natureza : filho segundo foy Jacob no nacimiento, & por eleição de Deos foy o primeiro no reinado: *Maior serviet minori.*) Do nobre ramo de Abel haviaõ de proceder as melhores flores: quẽjã na vida tanto começava a recender, vede no progresso dos annos q̃ odoríferas flores naõ chegaria a produzir ? Era Abel mancebo florido na primavera da idade, era justificado em suas obras, recto em seus procedimentos: estas acçoens, por serem acçoens heroicas, o faziaõ ser de Deos o mais valido, & dos principes Adam, & Eva, ascendentes seus, mais estimado. Talera em proceder bem sua fidelidade, que de Deos, & dos homens lhe conciliaua aceitação; respeitauã suas prendas, todos faziaõ d'elle grande estimação: Deos obrigado de sua rectidão o favorecia, Adam movido de sua virtude o amava; Adam, & Eva muito, Deos mais. Esta vida de Abel taõ preciosa, cortalhe a morte o fio: foy grãde perda. Sendo taõ grande a lastima, naõ he muito que dure ainda a pena: onde o motivo da dor foy taõ copioso, nenhum sentimento póde parecer excessivo. Esta verdade nos quiz na morte de Abel o Apostolo S. Paulo persuadir, porque esta he a glossa, cõ que Hugo Cardeal a quiz explicar: *Abel defunctus adhuc loquitur* (diz a Eminencia de Hugo) *idest, materia est nobis loquendis; quia tanta fuit fides ejus, ut mors non extinxerit famam ejus; immo adhuc viget memoria ejus.* Se advertirẽ a explicação, veraõ que naõ disse hũa sò palaura de mais, porque o Cardeal Hugo nem hũa sò palaura disse menos.

Compassemos agora hũa, & outra lastima, a presente que renouamos, com apassada de Abel que referimos, & acharemos tanta semelhança nos motivos do sentimento, quanta igualdade ha nas perdas. Peze bem o juizo os motivos, & se for fiel hade achar iguais os pezares. Morreo o se-

nhor D. Rodrigo de Lencastro (aqui hauer de acabar a oração. La disse hum grave Orador falando de hum Senador Romano, que quem por seu nome o chegara a nomear, não lhe ficara mais nada que dizer: *Hortensius, nil dico amplius.*) Morreo o senhor dom Rodrigo de Lencastro, morreo, isto bastava! morreo, não digo na primavera dos annos, mas na idade mais perfeita da vida. Os annos que Christo Senhor nosso viveo, nesses mesmos annos o senhor dom Rodrigo acabou; quem guardou a Deos tanta fidelidade na vida, convinha que fielmente o acompanhasse na morte: foy a idade de Christo, em trinta & tres annos, a idade mais perfeita: pois como havia de exceder a Christo nos annos, que queria para cōtentar a Deos fazer os mesmos actos? Onde erã tãtos os fructos, já passavaõ da primavera os annos; não passavaõ da primavera por muitos, hiaõ já muito adiante por consumados. Murchouse o principal ramo da Nobreza de Portugal, impedionos a morte os fructos, deixounos as flores, suspendeunos as posses, não nos tirou as esperanças; em não vermos os fructos na arvore fasonados, nos lastimou a morte a todos. Morreo hum servo de Deos (assi o testemunharã logo o valido testemunho de suas virtudes.) Acabou a mais firme columna do Reino: columnas das monarchias são os grãdes; & quem houve, nem pode haver maior? Morreo hum fidelissimo, & estimado como tal, vassallo dos Reys; para merecer esta estimação, corria muito o sangue, mas corria mais a virtude: começava a estimação pello a tecto, proseguia pello merecimento; o sangue a fazia correr, as prendas que achava hiaõ abrindo caminho a não parar. Morreo finalmtẽ hum fidalgo de todos tão bem quisto, que sem offender a grauidade do auditorio, não chegou ninguem a ser mais bem accito. Estas são as lastimosas memorias, que repetimos; estes os sentimentos tão fundados na razão, que renouamos; este he o ditoso Abel defunto que hoje nos ha de falar, excitenos; o affecto as almas para o ouuir. *Abel defunctus adhuc loquitur.*

Dous motiuos nos dão hoje estas memorias, dignos ambos de grande consideração: obrigãonos ao maior sentimento, deixão nos a maior edificação: grande lastima nos causa a perda, grandissima edificação nos deixa a vida. Apontarei primeiro os motivos que póde ter nossa pena, porque os actos heroicos da vida do senhor D. Rodrigo nos firuão despois de consolação.

Grandes lastimas nos representa a todos este dia: grande dia de penas podemos chamar a esta hora: grãde pello bẽ maior que perdemos, grande pello sentimento com que ficamos, grande pella renouação de nossa pena, grande pella intensão de nossa dor. Todos estes motivos fazem este dia penoso, porque todos são fundamentos para ser este dia lamentavel. Até nas circumstancias he este dia de tormento. Referir hũa pena grande a quem a póde reparar, he hũ alivio moderado; porem repetilla à vista de quem mais a ha de sentir, he hum tormento excessiuo. Se nas repetiçoens da pena se aumenta o sentimento, qual será nesta hora a intensão de nossa dor? Entre os actos, & habitos da pena ha hũa bem experimentada differença: os actos passão com breuidade, porque o seu ser he transeunte; os habitos durão sempre, porque a sua assistencia he permanente: a pena actual logo se acaba, a pena habitual sempre continúa. Nesta Oração crecem as penas, porque a repetiçãõ aumenta as lastimas: para hum habito de tormento se escusar, basta tornar-se hũa tão grãde pena a repetir: hoje fazemos habituaes as penas, renouando na reformação do sentimento as magoas: & sendo o dano que a morte nos causou temporal fica hoje com esta renouação quasi eterno. Quando David disse, q o justo hauia de ser eterno na memoria: *In memoria aeterna erit justus*, quiz explicar pella lembrança o sentimento: affirmou que pello actos da memoria se fazia eterno: eternamente ficará nossa alma lastimada, se a memoria não suspender as repetiçoens das perdas desta vida

Deúnos esta morte a todos em que falar, dizo Cardeal Hugo: *Materia est nobis loquendi*; porque na morte de Abel fomos muitos, & todos a perder. Como póde deixar de ser esta morte a mais falada, dando a todos os maiores motivos de ser a mais sentida? Se todos nella viemos a perder, como podemos todos deixar nesta morte de falar? Perdeo nesta só luz, que nos eclypsou a morte, muitos resplãdores a No breza (os Nobres são as luzes dos imperios:) perdeu o Rei no hum exemplar da verdade, perdeu Portugal hum defensor animoso, perderão os Tribunaes hum assistente fiel, perderão os Cōselhos o melhor voto, perderão os Cōselheiros o mais discreto adjuto, perderão as praças hum Governador adequado, perderão as cõquistas o Visorrey mais digno, perderão os exercitos o General mais intrepido, perderão os soldados hum Pai amoroso, perderão os necessitados hum auxiliador solícito (vamos sobindo com as perdas,) perderão os Grandes hum amigo verdadeiro, perderão os Príncipes hum dos maiores Ministros de seu governo, perderão todos (toda a vida não basta para as lastimas desta perda) perderão todos hum Pai da patria, & perdeu minha serafica Religião hum Padroeiro desta santa Provincia. Sendo nós os religiosos Franciscanos os menores na vida, parece que fomos nesta morte os maiores na perda: se o bem comum não precedera ao bem particular, dissera eu, que perdendo tanto todos, perderamos nós, não podendo ter nenhũs bẽs, ainda mais. O morte, que cruel te mostraste neste golpe! vè nesta sò sombra quantas vidas eclypsaste: cõsidera a gloria que suspendeste adverte bem a desconso lação que causaste: a hum sò sogeito feriste, & a tantos milhares de coraçoes magoaste: quem com tantos vinculos a tantos estava vnido, não foy muito que deixasse a dor de sua morte todo hum Reino suspenso.

Com grandissima razão podemos nós hoje duvidar, a quem pertence mais fazer estas honras, que hoje celebra-

mos, se á nobreza de sangue de parentesco, que com esta morte ficou todo alterado, se à indigencia Franciscana, por ficar de hum tam nobre Padroeiro a nossa Provincia da Arrabida destituída? Antes que resolvamos a questaõ, fundemos a duvida. Tinhaõ os Athenienses entre suas leys hũa ley do agradecimento muy bem fundada: ordenavão, que as honras que se fizessem aos mortos, as fizessem todos os q̃ eraõ em sua vida interessados; as Republicas, a que foraõ na vida de maior vtilidade, estas faziaõ aos mortos em sua deposição, maior honra: digna acção de animos agradecidos, mostrarem se nas hõras de seus bemfeitores por emulação empenhados. Esta era a ley dos Athenienses; & se fundaramos nella a resolução, a todo Portugal pertenciaõ estas honras: que a todos obrigou em sua vida, a todos empenhou ao honrarem em sua morte. Ora digo que nestas honras ficamos todos desempenhados, ao menos quãto ao conhecimento de agradecidos. Hoje cõcorre o mûdo, & o Ceo á solenidade destas honras: para todos esta he acção de desempenho, porq̃ Ceo, & terra se vñem hoje em saty fazer esta obrigação. Os Nobres (sustituídos todos no parêtesco) fazem as hõras pellos grãdes; & Deos N. Senhor desẽpenhãdo-nos a nõs: (assi o confio em sua misericordia, pois pellos seus menores empenhou Deos sua palavra: *Quod vni ex minimis meis fecistis, mihi fecistis*) fazlhe a sua alma as honras no ceo pellos humildes. Morreo Lazaro, & fizeraõlhe os Anjos as honras no mundo: morreo Abraham, & fezlhe Deos, fazendo seu sustituto, as honras: raõ grandes foraõ, Lazaro, & Abraham na vida, que lhe fizeraõ os Anjos, & Deos na morte as honras: Lazaro, e Abraham ambos foraõ na morte honrados, mas com grande differença: Lazaro honraõno os Anjos, Abraham honraõ Deos: Lazaro, celebraraõse suas hõras neste mundo: *Factum est autem* (diz S. Lucas) *ut moreretur mendiculus, & portaretur ab Angelis in sinũ Abraham:* Abraham, solenizarãose suas honras no outro mûdo: assi o confessou

o avaro quando pedio a Abraham para seu tormento a-livio: *Pater Abraham, miserere mei*. Pois se Lazaro o mandou Deos honrar por seus ministros, porque honrou Deos a Abraham por si? Sabem porque houve esta differença nas honras? Porque Deos desempenhou aos pequenos, a quem Abraham tinha servido, & os Anjos representavaõ os Nobres, porquẽ Deos queria que Lazaro por sua virtude fosse honrado. A mayor qualidade na nobreza he a dos Anjos: comparada toda a nobreza dos homens com a qualidade dos Anjos, fica a nobreza dos Anjos taõ preferida, que nẽ a nobreza de Christo quanto á humanidade pode ficar com ella igualada: *Ministrieum paulõ minùs ab Angelis*, disse o profeta Rey definindo a qualidade de Christo. Pois cõcorraõ hoje Deos, & os Nobres nestas honras: os Nobres desempenhemse a si, Deos desempenhenos a nõs: a Nobreza justifica sua gratificaçaõ no sentimento, Deos satisfaz hoje nossa obrigaçaõ no premio.

Com esta disposiçaõ de sentidos do muito que perdemos, entremos na audiencia de nosso Abel defunto, & sairemos della edificados: *Abel defunctus adhuc loquitur*; diz o Doctor das gẽtes, q̃ Abel já defũto ainda falava. Em q̃ Abel fale depois de morto não duvido, porque me não deixa a Fê duvidar: como fala Abel, com quem fala, & o que diz, nisto reparo, pellos fundamẽtos, q̃ me dão a razaõ para o fazer. Ouçamos a morte com clareza, não embaracemos com esta confusaõ de vozes a verdade. Separemos as duvidas, ficarão as vozes da morte mais claras.

Como fala Abel (esta seja a primeir a duvida) como fala Abel depois de defunto, se vemos que ningnem pôde falar depois de morto? O falar he propriedade da vida, ningũe depois de morto fala. Toda a suspenção da vida traz cõsigo o entredito da voz: como não està logo Abel para falar entredito, constando a todos que para viuer està suspenso? O mesmo texto q̃ nos declara esta verdade, nõs poem para
a crer-

9
a cremos a contradicão. Dizer S. Paulo q já Abel está defunto, & afirmar que ainda fala Abel, he contradicão rigorosa: se Abel fala, certo he que viue; porque quem não viue não fala; & se Abel viue, & fala como viuo, porque só quem viue fala, como diz S. Paulo, que está Abel morto? ou lhe dá S Paulo a vida, ou lhe nega a fala: só quem tem a lentos para viuer, tem capacidade para falar; porém dizer que está Abel já defunto: *Abel defunctus*, & persuadirnos q está ainda falando, *adhuc loquitur?*

Sabem como fala Abel? Eu o direi como fala: Abel fala como viue: ò que boa lingoagem he a de Abel! que politica tão digna de ser imitada! q estilo para Deos, & para o mundo tão polido! Condignamête lhe podemos dar audiência, porque não se dà no mundo melhor pratica: falar cada hũ como viue, he hũa excellencia muito grande; & muito maior quando quem fala bem, viue como fala. Abel fala como viue: viue Abel em nós metaforicamente, fala conosco Abel misteriosamête; a vida de Abel he hũa metafora, o falar de Abel tudo são mysterios. Abel fala, diz Hugo Cardeal (não sayamos do texto, nem da glossa) Abel fala em quanto nos dá a todos que falar: *Materia est nobis loquendi*; Abel viue em quanto nos dà a todos que sentir: *Adhuc viget memoria eius* (já sabem que o verbo *viget* denota a duraçã das causas inanimadas;) a nossa pratica lhe dà a Abel a fala, o nosso sentimento lhe proua a vida: todos temos a Abel viuo na lembrança para o sentir: *Adhuc viget memoria eius*; falarmos todos nelle o faz falar; tanto fala, que em todos fala: *Materia est nobis loquendi*; tão bem viue, que a todos dá sentimento: o sentir he a formalidade do viuer; pois se Abel tem em nós o seu sentimento, como não terá em nós a sua vida? As causas sem algũa presença não podem causar; o sentimento q temos de Abel he effeito de sua vida; viuo está logo e todos, quem dá que sentir a todos: esta he a metafora com que viue, agora ouçamos o mysterio com que fala,

Fala o Senhor D. Rodrigo de Lencastro (este he hoje o Abel, que do Ceo depois de morto nos fala,) fala dizendo nos qual foi o seu modo de viuer, & de todos os estylos he este o melhor modo de falar. Na instrucção que Christo S. N. deu a seus Discipulos quando lhes intimou o modo cõ que haurião de converter o mundo, ficou o melhor estylo de falar aprouado: *Sint lumbi vestri praecincti, & lucerna ardentis in manibus vestris, & vos similes hominibus expectantibus dominum suum*: isto lhe disse Christo por S. Lucas, que seruissem como seruos, que alumiassem como exemplares, & que vigiassem cuidadosos: & tornandobos a informar por S. Matheus, advirtios q̄ fossẽm taõ mortificados como o sal, & taõ lustrosos como o Sol: *Vos estis sal terrae, vos estis lux mundi*. Esta instrucção tem mais de misteriosa, que de clara. Se os Apostolos falando, & prẽgando haurião de reduzir o mundo, como lhe naõ diz Christo hũa sò palavra das que haurião de dizer, dandolhes tantos exemplos do que haurião de obrar? achou Christo S. N. que a eloquencia mais discreta era falar cada hũ dellẽs com sua vida; & como lhe pareceo para falarem bem os Apostolos este o melhor estylo de todos os modos com que se fala, sò o falar da vida deixou aprouado: õ que graue estylo de falar, declararnos o nosso Abel o seu viuer! Falanos o nosso Abel com o que fez, apliquemos a alma, & o entendimento a suas vozes, & veremos todos o bẽ que diz: Quando a vida foi per pontos de saluação ordenada, fazem depois da morte as vozes hũa suaue harmonia: *Memoria Iesae in compositione odoris facta, erit ut musica*. A composiçãõ das virtudes de Iosias, diz o Ecclesiastico, seruirã a o mundo de musica, pello bẽ que para Deos foi sua vida ordenada: pois seus procedimentos melhores com Deos forãõ melhor no mundo, serã para nos hũa harmonia deleitosa, ouvirmos as vozes em que compoz o nosso Abel sua vida.

A nobreza do senhor D. Rodrigo supponhoa eu, naõ a referro. Naõ se pòde bem referir o que condignamente se naõ pòde

póde louuar. O sangue dos Lencastros (he axioma este q todos sabem,) o sangue dos Lencastros, he real sangue pello nascimento, foi, & he sempre excellente na conseruação, a todo o melhor sangue do mundo está vnido, & todo o bom de Portugal tem animado. O corpo da nobreza Lusitana têm muitas veas, põem o sangue dos Lencastros animou sempre o coração; sem o sangue do coração não ha vida, com as influencias deste illustrissimo sangue se conserua no mundo a nobreza. Esta he a razaõ porque eu nesta materia não falo, porque de taõ nobre sangue vejome impedido. Como o senhor D. Rodrigo está em todos os nobres sustituido, como posso eu neste auditorio falar, sem q nos cheguemos todos a confundir? Pouco fora cõfundirse minha ignorancias mas he mais (por isso não falo) ficar a modestia de quem me ouve confusa. Os serafins que Deos em o trono que Isaias viu, escolheo por panegiristas de sua gloria, para falarẽ em sua nobreza, punhaõ impedimentos á vista, primeiro q largassem as vozes estendiaõ as azas: de tal maneira ficava Deos encuberto, que não podia ser visto quando era louvado: interpondo as azas o ausentauaõ à vista: *Duabus velabant faciem ejus*, & depois manifestauaõ a córos sua nobreza: *E clamabat alter, ad alterũ: Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus exercituum*. Este estilo não posso eu seguir, porque auditorio taõ illustre sem presença do senhor D. Rodrigo não se podia dár. Siruame a confusão de desculpa, pois o Sol, que a hũs illustra, a outros cega. Apareceo Christo S.N. no Tabor taõ resplandecente como o Sol: *Resplenduit facies ejus sicut sol*: com seus resplandores ficáraõ Moyses, & Elias illustrados: *Visi sũt in maiestate*, & os tres Discipulos Pedro, Ioaõ, & Diogo ficáraõ cegos: *Ceciderunt in faciem suam*, diz o texto: os mesmos resplandores que illustraraõ a Moyses, & Elias como nobres, cegaraõ, & confundiraõ os Discipulos como humildes: pois Sol, de quẽ toda a nobreza fica illustrada, não falar eu nella, tenho desculpa.

Sirvano; de fundamento á doutrina esta supposiçãõ. A nobreza de que o nosso Abel mais se prezava, era a nobreza da virtude, q̃ adquiria; este conceito he mui comum, mas faltoeas nesta oraçãõ particular. O ser o Senhor D. Rodrigo tão illustre servialhe de empenho para obrar como quem era; mas a estimaçãõ maior só da virtude a fazia: mais procurava ser conhecido por bom Christão, que por grande fidalgo: ò que acçãõ tão digna da nobreza: ante por à estimaçãõ do sangue a valor da virtude, ter por maior nobreza a virtude da religião! Entraraõ os tres Reys no nascimento de Christo na corte de Jerusalem; & sendo proprio das cortes do mundo respeitar as pessoas pello que faõ, ou pello que tem, sendo Reys naõ diceraõ que o eraõ, & vindo ricos naõ alegaraõ o q̃ tinhaõ, nẽ declararaõ sua qualidade, nẽ falaraõ em suas riquezas, naõ manifestaraõ o ser, nẽ o poder q̃ tinhaõ, só por Christo, aquem vinhaõ buscar, pergutaraõ: *Ubi est qui natus est Rex Iudaeorum?* A razaõ de se naõ darem a conhecer por Reys, daõ a conhecer a Magestade de Christo, foy, porq̃ queraõ mais ser conhecidos por Catholicos, que por Principes, por fieis, q̃ por poderosos; em dizere m q̃ buscaraõ a Deos jultificavaõ sua fidelidade, se disseraõ que eraõ Reys, dauã a conhecer sua nobreza: estes Reys, como eraõ entẽdidos, prezavaõse mais de fieis, q̃ de fidalgos, todo o mũdo (como eraõ mestres da virtude) qui seraõ edificar, antepondo a Christandade ao ser. Esta he a maior excellencia da nobreza, dar à virtude o primeiro lugar na estimaçãõ.

Quae est ista, quae progreditur quasi aurora confurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol? Com termos de admiraçãõ contaraõ os Anjos os passos que hũa alma santa daua na vida. Que alma fera esta taõ adiantada na virtude, sendo nas luzes hũa aurora, na beleza, & fermosura hũa Lua, nos resplandores por eleiçãõ hum Sol: tanto se empenha em caminhar, que parece q̃ só por seus passos se quer dàr a conhecer. Isto diceraõ os Anjos admirados; demos nos agora fundamẽto à admiraçãõ

ção. Pella luz das estrellas he a nobreza entendida, na perfeição da Lua está a beleza retratada, pelloes resplândores do Sol he a adiscrição conhecida: *Sapiēs permanet ut sol.* Pois disto se admirarão os Anjos, para q̄ os imitallem os nebres, q̄ que tendo esta alma os maiores, & melhores dotes da natureza, procuraua correr a passos da virtude taõ cuidadosa: só pelloes passos de sua virtude, dis S. Hieronymo: *Per progressus meritorū,* sequeria dar a conhecer, & desta nobreza se chegãõ os Anjos a admirar: s̄õ pella virtude esta alma santa queria ser estimada, ainda tendo a Deos, & a todos os dotes da natureza profunda.

Sirvanos de exemplar desta verdade, quem nos deu o motivo desta doutrina. Entremos no primeiro coro das virtudes, & comece a vida do nosso Abel sua harmonia. Entre no primeiro lugar a voz de sua fortaleza: bẽ õ merece, por ser virtude divina: *Domínus fortis, & potens,* toraõ os viuas com que Christo entrou em sua gloria. Quando elegeraõ o senhor dom Rodrigo por Governador de Tangere, a primeira eleição que fez foy esta: pediu ao nosso Padre Prouincial que lhe desse dous Religiosos dos mais reformados da Prouincia, para o acompanhar na jornada. Este foy seu maior cuidado; na companhia de dous Arrabidos p̄õz este senhor todo o empenhõ. Pois valhame Deos, quem hia a hũa praça taõ perigosa, onde tinha contra si hum furor infernal de inimigos, todo o cuidado, toda a diligencia, todo o empenho p̄õz só em leuar consigo dous Capuehos? Estes sãõ os Anibais, os Pompeos, os Scipioes, que escolhe nestes sãõ os Henones, os Julios Cesares, os Heitorēs Troyanos que busca? Procure soldados animosos, assim como buteou Religiosos reformados. Sabem porq̄ fez esta eleição, & não aq̄lla? Porq̄ buscou mais a virtude, q̄ o valor. Porq̄ leuou Religiosos, & não Capitães? Porq̄ era tam herico seu valor, que o não intimidavaõ inimigos; para reprimir o furor de toda Africa, para impedir os damnos da Mauritania, bastaua

leuar-se a si, seu valor bastava contra todos os inimigos, para si he que leuava, para si he que queria os Religiosos; naõ o intimidauaõ os contrarios, ainda conhecendo q̄ eraõ ferozes; sobresaltauaõ no os escrupulos, ainda sabendo que eraõ leues. Naõ leuou soldados valerosos, porque naõ sabia temer; leuou varoens exercitados na virtude, porque se hia reformar; por isso seu valor conseguiu taõ glóriosos vencimentos; porque reformarse, & vencerse a si era a melhor disposiçaõ para os triunfos.

Vio S. Joaõ em seu Apocalypse hũ animoso Capitaõ posto em campo, & referio per mysterioso estilo suas accoens: *Et vidi, & equus albus, & qui sedebat super illum habebat arcum, & data est ei corona, & exiuit vincēs, ut vinceret.* Vi hũ caualeiro armado, & era tal o valor cõ q̄ invistia os cõtrarios, q̄ antes de entrar na batalha já aclamaua por sua a victoria. (vejaõ q̄ figura taõ propria para representar hũ Governador de Tange re saindo á campanha cõ os contrarios:) pois se primeiro he o cõflito q̄ o triumpho, como entra cõ viuas de victorioso, & *exiuit vincens*, quẽ ainda naõ tinha entrado em câpo? *ut vinceret*: se todo vècer suppoẽ precisamẽte o pelejar como anticipa a victoria ápeleja? Foi estilo mysterioso, diz S. Antonino: quiz S. Joaõ explicar o grande valor com que sahia o caualeiro a campanha, anticipou os viuas à victoria: *exiuit vincēs: ó animositas, ó virilitas, ó strenuitas!* Isto diz S. Antonino; porẽ ainda a duuida he a mesma: ja sabemos que era ueste caualeir o grande o valor, mas naõ sabemos ainda qual era o fundamento da valentia: donde pendia tanto esforço? quẽ fundaua tanta confiança? quem anticipava os viuas? quem fazia indabitaueis as victorias, sendo os successos da guerra fortuitos? quẽ seguraua os vencimentos? Sabem quẽ? diz S. Thomas, a preparaçaõ com que aquelle animoso Capitaõ sahia lhe prometia todos os triunfos que intentaua; antes que este caualeiro entrasse em o câpo já hia de si victorioso: *Exiuit vincēs se, ut vinceret alios*: a grãde reforma de sua vida era a

primeira disposiçãõ com que entrava na batalha: pois quẽ se preparava com anticipar seus vencimentos, que muito q̃ alcançasse os mais gloriosos triunfos? Sempre sahio da cãpanha victorioso, quem procurou entrar nas batalhas reformado: quem já leuava a coroa de sua victoria, anticipava o o triunfo á peleja: *Data est ei corona, & exiit vincens, et vinceret.*

Todos sabemos quais foraõ do senhor D. Rodrigo os successos: mas por edificaçãõ nossa, & gloria de Deos direi eu alguns actos de sua reformaçãõ. Em quanto esteue occupado em seu governo, todo o tẽpo que estava ausente de sua dignissima cõsorte a senhora D. Inez de Noronha, taõ subido do poz o põto de guardar cõtinẽcia, q̃ nẽ cõ o minimo acto de imperfeiçãõ maculou sua pureza. Vede que ditosos trinta & tres annos, em que sendo mais vehementes os impulsos, ficavaõ mais heroicos os vencimentos: a todos combateo a pureza de sua vida, a todos venceu, sendo terruel a batalha. No mundo miserauel em que estamos anda a execuçãõ dos appetites vnida à mayor liberdade: quanto os senhores no mundo saõ mais poderosos, tanto viuem os appetites em suas desordens mais licenciados. Esta politica, q̃ introduzio a malicia para nos deffuir, desterrou em suas acçoẽs taõ gloriosamẽte, que sò procurava edificar: seruiulhe o mayor poder de empenho para se reformar, porq̃ resoluia q̃ a vida dos poderosos havia de ser espelho em q̃ todos se podessem ver. A talhemõs o muito q̃ esta voz pudera dizer, demos lugar ás outras vozes, que nellas temos muito mais que ouvir.

A segunda vóz da harmonia que vamos ouvindo he mui suave: he a grande benignidade que tinha, a affabilidade natural com que a todos obrigava. Grande propriedadẽ he de Principe render os coraçõs de todos por affabel. Naceo a Magestade de Christo S. N. com poderes para atemorizar o mando: profecia foi esta do santo velho Simeão: *Positus est.*

est in ruinā, & resurrectionem multorum; & com tudo S. Paulo quando referio seu nacimiento affirmou que o seu parecer era benigno: *Apparuit benignitas, & humanitas saluatoris nostri Dei*. Tão bom parecer dá aos Principes a benignidade, que até a Magesta de de Deos autoriza. O Sol, exemplar adequa- do da perfeição dos Principes, tẽ resplandores, & tẽ raios, raios para castigar, resplandores para fauorecer; porẽ sendo tão absoluto seu imperio, em se mostrar benigno pôz seu cuidado: todos o confessamos benigno, poucos o experimentaõ severo, a todos com suas luzes illustra, raios são os que com seus raios cega. Tão particular foi no senhor D. Rodrigo a benignidade, q̃ a de Christo S. N. lhe pôde ser- uir de explicação (bem he que sejam nesta oração os exem- plares de Christo, quando referimos nella os actos heroi- cos de hũ tão grande Christão:) para q̃ demos a Deos S. N. toda a gloria, seja o mesmo Christo o exẽplar desta vida.

Nacido o Redemptor do mundo em Bethlem, vierã- no logo adorar os Reys do Oriente, & para se justificarẽ af- feiçoados, trouxeraõ a Christo Jesu seus donatiuos: *Et aper- tis thesauris suis*, diz S. Matheus, *obtulerũt ei munera, aurũ, thus, & mirram*. Considerada bẽ esta oferta, tem em si grande myf- terio encerrado. Estes Reys Magos eram ainda professos na infidelidade, & como elles mesmos testemunhãrão, esta- uão izentos da jurisdicção de Christo: *Vbi est, qui natus est rex Iudeorum?* Em protestarem que Christo S. N. nacia Rey dos Iudeus declarauão que não eraõ a seu imperio sogeitos os infieis: pois se por serem infieis os Reys estauão izentos, co- mo offerecem a Christo donatiuos como se forão tributa- rios? Direi: diz Abulense, que na estrela que virão os Magos lhes appareceo o minino Iesus; pois como o minino Deos (co- mo affirma S. Paulo) tinha o parecer benigno: *Apparuit beni- gnitas saluatoris nostri Dei*: de sua benignidade se obrigrãõ, trazendolhe dadiuas, confessandolhe obrigaçõs: a benignidade de Christo Jesu os rãdeo: o ser o Principe Deos tão

benig-

benigno como era, os obrigou rendeulhe os coraçoes pera o virem logo adorar, cõquistoulhe as vontades pera trazerem logo que offerecer: *Proidentes adorauerunt eum, & apertis Theſauris ſuis obtulerūt ei munera, aurum, thus, & mirrhã.*

Esta foi do Principe Deos a Estrella de ſeu Reynado: *Vidimus Stellam eius:* & esta foi do ſenhor Dom Rodrigo a gloria de ſeu governo. Tinha hum natural tam benigno, tinha hũa preſença tam affauel, que a todos os coraçõs rendia, a todos com hũa ſuaue violencia obrigaua. Os meſmos infieis, de quem multiplicadas vezes triumphou como contrarios, rendidos a ſua benignidade lhe offereciam donatiuos: temiaõno muito como valeroſo, amauaõno mais como benigno: a ſeu valor reſistiam até mais nam poder, a ſua benignidade correfpondiam por ſe deſobrigar: proteſtauam ſeu valor nas retiradas, calificaõõ ſua affabilidade nas offertas. Eſtando o ſenhor D. Rodrigo já na Corte de Lisboa, nam parauam ainda em o preſentear como obrigados. Seja pera Deos noſſo Senhor toda a gloria; mas ſaibaſe no mûdo todo, que teue o noſſo Abel por benigno: *Vidimus ſtellarum ejus.*

Poſto Chriſto S. N. na Cruz tributoulhe ſogeijãam o mûdo todo: até os Planetas do Ceo lhe aſſistiram a ſua morte ſaſtimados, confeſſandoſe a ſeu Imperio rendidos: aſſi o tinha o meſmo Senhor profetizado, *Si exaltatus fuero à terra omnia traham ad me ipſum:* em ſua morte ſe cumprio eſta profecia: o Sol, & todos os Planetas & eſtrellas do Ceo ſe enlutaram: *Tenebra factæ ſunt ſuper vniuerſam terram, & obſcuratus eſt ſol:* & cubertos de luto aſſistiram ao enterramento de Chriſto: pois que motiuo houue na morte de Chriſto Senhor N. pera atrahir aſi todas as couſas, pera enlutar todos os Aſtros, pera empenhar na aſſiſtencia de ſeu enterramento todos os Planetas? Sam Joam nos declarou o myſterio referiundo a vltima acçaõ com que o Principe Deos ſe deſpedio da vida: *Et inclinato capite tradidit ſpiritum:* incli-

nar Christo Senhor nosso a cabeça sobre o peito, foi offerer a todos o coração por benigno: pois como lhe nam auiam todos os astros do Ceo dea assistir, tendo tam grande benignidade pera os obrigar? Hum Principe tam benigno, q̃ a todos offerece o peito, hũ Senhor tam affauel que a todos mete no coração; hum Monarca taõ humano, que a todos inclina a cabeça: a todos obriga, a todos sogeita; concorram logotodos os planeas do Ceo na morte de Christo Iesv pera a sentir, pera que saiba o mundo quanto chega a benignidade a render.

Quem entrou na casa do senhor D. Rodrigo o dia de sua morte, ha de confessar que a elle se podia accomodar a Profecia de Christo. Nam houue luz de Portugal q̃ alli naõ assistisse enlutada, nam ouue senhor nem titular que ali nam fosse: o assistirem todos os nobres em seu enterramẽto foi o men os: o sentimento que cada hum delles representaua foi o mais: as lagrimas em todos eram tantas que suspendiam a todos as vozes: teuese ali por venturoso quem mais feruio, porq̃ a todos o nosso venturoso Abel obrigou. Esta foi na morte a sua estrela, porq̃ foi semelãhte á de Christo Iesv sua benignidade; no s̃etímẽto deixou todo o lustrozo de Portugal tributario, porque procurou na vida imitar a Christo Iesv em ser benigno. O açãam mais heroica da nobreza! óque correspondecia tam digna de ser imitada; satisfazer com lastimas na morte a benignidade que experimentamos na vida! Christo Senhor nosso tinha o coração tam brando, que com facilidade se lhe derretia em lagrimas: chorou a morte de hum amigo, chorou a perda de hũa Cidade, chorou a obstinaçãam de hum Reyno; chorou em casa das Irmãs de Lazaro pelo ver morto: *Et lacrymatuſ est Iesus*; chorou à vista da Corte de Ierusalem: *Videns ciuitatem, fleuit super illam*; chorou na Cruz a obstinaçãam do Reyno de Iudea: *Cum clamore valido, & lacrymis*, diz Sam Paulo. Tal era a benignidade de Christo, que logo seu coração o

lastima.

stimaua, & nossas perdas com lagrimas de sangue as sentia. Em sua morte quiz o Senhor lhe correspondessem a sua benignidade: choráram a morte de Christo os amigos, choráram os parentes, choráram todos os conhecidos, & particularmente os nobres: os amigos estauam sustituidos em S. Joam, os parentes na Virgem Senhora nossa, os conhecidos mais nobres em Ioseph, & em Nicodemus: dallo o Euangelista por nobre a conhecer: *Nobilis decurto*: foi porque o vio na morte de Christo N. S. lamentar. Este sentimento da morte de Christo vimos na morte do nosso Abel imitado: todos se mostráram lastimados, entre todos foram os nobres os mais sentidos: como do senhor D. Rodrigo os mais nobres eram os mais parentes, & estes eram os mais amigos: tendo tantas formalidades pera fer nelles mayor o sentimento, a elles mais que a todos atormentou mais a dor: mais que todos sentiram, porque mais que todos perderam: o que todos deuiam sentir, mais que todos sentiram elles: ficou nelles o sentimento de todo o Reyno sustituido; cada hum delles era hum retrato das lastimas de Portugal por magoado. Preciosa morte, que tanto sentimento deixou na vida! Ficou a nobreza de todo o Reyno chorando por quem na vida foy tam benigno. Nam soe mais esta voz, porque nos nam lastime tanto.

A terceira voz desta harmonia, foi hũa bem rara excellência A. vida dos Discipulos de Christo S. N. foy à rezaõ tão ajustada, que o som de suas vòzes fazia ao mundo todo harmonia: *In omnem terram exiuit sonus eorum, & in fines orbis terre verba eorum*: isto em hum Reyno viuiam, & suas acçoens, (estas eram as suas vozes) em todo o mundo soauam. Os eccos eram mayores que as vòzes: o que todos nam viam porque lhe faltaua a presença, ouuiam todos porque a todos chegaua a noticia: esta voz da discreta liberalidade do senhor D. Rodrigo todos a hauiam de ouir, pera que cada hum dos gouernos desta Monarquia se viesse a melhorar.

Em quanto este senhor estene em seu governo tudo quanto tinha, & licitamête pode auer, repartio: nenhũa cousa sua grandeza reseruou (logo descubrirei qual foi o seu thesouro, & causarnosha a todos admiraçam.) Aquem lhe persuadia intereffes, respondia que nam conhecia bem os Lencastros: nam quiz nunca admitir conveniências, porque nos Lencastres nunca houue negoceaçoens meeanicas: fora degenerar de quem era, nam distribuir por liberal tudo quanto tinha. Pua ha sempre á vista pera os remediar os necessitados, pera se lembrar de si nam tinha olhos: diminuiu suas rendas, por se augmentar em obras pias: repartio com todos o seu, nam tomou o alheyo: sahio do governo com diuidis, porque julgou ser sua obrigaçam fazer merces: fez sua grandeza só cabedal de reparar necessidades, pera que seu governo soáffe no ecco com muytas vòzes.

O mayor abono das grandezas, he nam fazerem cabedais os poderosos: pera os grandes as conveniências sam perdidas, porque todas as reseruaçõens dos bons sam commercios: a nobreza em ajuntar thesouros se perde, em repartir todos os seus bens se augmenta: a grandeza que tudo dà he a mais própria; a que enthesoura o que tem, nam lhe fica mais que a semelhança: ponhamos à vista de todos esta verdade. Em duas figuras retratou Deos a grãdeza de Nabucodonosor sem hũa Aruore, em que auia muitos fruitos, & em hũa Estatua, em que estauam todos os metais: falando o Texto destas duas grandezas, fala com differença de cada hũa: da Aruore diz absolutamente que era grande: *Arbor magna, & fortis*: & da Estatua só diz, que tinha hũa semelhança de grande: *Et ecce quasi Statua vna grandis*. Pois se estas figuras eram na representaçam semelhantes, parece que auiam de ser na grandeza conformes: ou sejam ambas grandes absolutamente, ou nam tenham mais que hũa semelhança de grandes: sabem porque a grandeza da Aruore era grandeza verdadeira, & porque a Estatua nam passaua da semelhança?

lhança? Porque a Aruore todos os frutos que tinha repar-
 tia: *Esca vniuersorum in ea:* & a Estatua não sò o ouro, & pra-
 ta que sam metais mais preciosos, mas atè o bronze, & fer-
 ro entefouraua. A Estatua tudo quanto tinha, tinha em si, a
 Aruore tudo quanto Deos lhe daua, daua a outrem: a Ar-
 uore a todos sustentaua dandolhes de comer; a Estatua a to-
 dos punha por terra pera a adorar: a Aruore daua a todos
 alimentos de vida, a Estatua queria de todos adoraçoens
 de respeito: na Aruore tudo eram obra, pias, na Estatua tu-
 do actos de vaidade; pois Estatua que tinha trato de meca-
 nica, que atè ferro, & bronze entefouraua, nam tenha de
 grandeza mais que a semelhança: *Et ecce quasi Statua vna grã
 dis:* porem a Aruore pue a todos emparaua com a sombra,
 & a todos sustentaua com o fruyto: *Esca vniuersorum in ea:*
 fica sua grandeza verdadeira: que na communicaçã dos bẽs,
 se conhece a grandeza mais suprema: *Magna arbor, & fortis.*
 O ditosa grandeza, que attende mais a necessidade alhea, q̃
 a esperança propria! he açam heroica do poder antepor
 á propria vida o remediar. Tendo Pompeo Emperador Ro-
 mano noticia de que hũa Cidade de seu Imperio padecia
 grande fome, quiz em pessoa irlhe leuar o sustento: & cre-
 cendo no mar a tempestade, quiz o Piloto da Não em que
 hia o Emperador, fazerse na volta da terra pera salvar a vi-
 da ao Emperador: prohibiolhe Pompeo que não arribasse,
 dizendo, que meos importaua que elle, & nam o seu po-
 uo se perdesse: *Vt nauigemus:* (que palauras tam dignas da
 magestade de Pompeo!) *Vt nauigemus urget necessitas, vt uiua-
 mus non urget:* que propria açam de hũa grandeza verda-
 deira, antepor à necellidade dos seus a sua vida! fazer de
 perder a vida conveniencia por nam faltar com o remedio
 à necessidade. O que a grandeza de Pompeo fez por hum
 pouo inteiro, fez o nosso Abel defunto por hum só homẽ:
 Vindo já pera esta Corte acabado seu governo, cahio do
 nauio ao már hum mancebo, teue noticia ainda que já tar-
 de

de, da desgraça; mandou logo ao Piloto que voltasse atraz, allegaram a contradicam grande que hauia, porque era tã-
 bem tempo de tempestade; nam reparou em que sua vida se
 arriscasse, pera que o homem se nam perdesse; começou lo-
 go com os Religiosos que lhe assistiaõ a fazer hũa Ledainha
 acabada ella chegou o batel onde o homem estãua, & ficou
 o naufragante com vida. Vendo que auia no nauio neces-
 sitados, mandou com todos distribuir seus proprios alimẽ-
 tos: nam a dmitio quem lhe aconselhou, que lhe faltariam
 pera a viagem, porque dizia, que nam podia Deos saltar a
 quem o imitava no bem fazer: foy marauilha rara, que o
 dia que se acabou o sustento viram a barra, & a reçam que
 com os necessitados repartiram, já postos em casa recebe-
 ram: vede que grandeza tam propria, que politica tam di-
 uina! Morreo Christo S.N. na Cruz sequioso, tendo em seu
 coração agoa pera remediar hum mundo: dentro em seu
 coração fez o thesouro, abriu por morte todo pera nosso
 remedio. Do peito de Christo sairam os Sacramentos: *De la-
 tere Christi sacramenta exierunt*: estes são os thesouros de N.
 Fé. O sangue conserua a vida, a agoa mata a sede; tudo
 Christo S.N. tinha em si, & nada quiz pera si: nem conser-
 uou a vida tendo sangue no coração, de que se podia va-
 ler, nem reparou a sede tendo agoa no peito de que se po-
 dia aproueitar. Olhai, & notai bem estas acçoens de Chris-
 to: Christo tinha thesouros, & tinha necessidades: rara grã-
 deza, morre necessitado sendo rico. Sabeis porque acabou
 a vida com necessidades, tendo thesouros com que fazer
 merces? Porque como a Cruz era a sua praça quis que visse
 qual era o seu governo, que repartindo tudo cõ todos nam
 tomara nada pera si: por nam tirar hũa gota de agoa ao
 mundo, morreo com sede, por nam se aproueitar de hũa só
 gota de sangue, perdeu a vida. Tinha na Cruz seu Imperio:
Dicite in nationibus quia Dominus regnauit a ligno: quiz ensinar
 a todos qual fora sua administraçam, por isso inclinou a ca-
 beça

beça sobre o peito, & com esta acçam se despedio da Cruz: *Et inclinato capite tradidit spiritum*: na cabeça tinha a coroa, no coração tinha o thesouro: quiz com esta inclinaçõ enfiar aos grandes a relaçam que tem os thesouros com os titulos; quiz advirtir aos poderosos, que se ajuntâra thesouros, foi pera os repartir, mas nam pera se aproueitar; & que souberem que quando as necessidades ficauam reparadas, entam eram na vida as grandezas verdadeiras. Aprendam os grandes esta liçam de ponto, porque as grandezas tem no bem fazer a todos o seu augmento.

Ainda esta grãde vóz da liberalidade, & grãdeza do nosso difunto Abel soa mais: tanto subio esta grande vóz de ponto, que vos admirareis da nouidade com que soou no mundo. A tégora manifestei (porque he acçam muy digna de louuar) como o nosso Abel nam trouxe nada, porque tudo deu: descubrirei agora (nam he pera encuberto este segredo) o muyro que trouxe no thesouro que reseruo: sem contradicam dos creditos que adquirio por grandioso, admiraruoseis como sahio o nosso Abel de seu gouerno interessado. Os bens do mundo tem diferentes estimaçoens, porque tem diuersos feres; nem todos tem o mesmo valor, porque nam tem todos a mesma preciosidade: & ainda (isto he mais) & ainda sendo alguns absolutamente preciosos, sam diuersamente estimados. Sendo Christo Iesv thesouro da mayor estimaçam que houve no mundo, por Pilatos o nam querer lançou fora de casa: *Ad duxit foras Iesu*: & sendo os respeitos humanos nada, (todo o respeito humano nam passa de hum este da razam) meteos Pilatos como couza preciosa no coração; estimou tanto o respeito de Cesar que logo a elle se rendeo; fez tam pouco caso da preciosidade de Christo, que o crucificou. O cegeira da ambiçam humana! O fumo da vaidade da vida, quanto cegas a quem deixando a Deos pello mundo enganas!

Iá sabem (tiremos a suspensam ao auditorio) já sabẽ, que

conforme à politica da guerra, nas presas que se fazem, le-
ua sempre o governador das armas hũa joya: esta joya esti-
ma-se muyto, assim pello custo que suppoem: como pelo tri-
unfo que denota: pera Jacob mostrar a seu filho Ioseph o
bem que lhe queria, deulhe hũa prenda que de seus triun-
fos reseruara: *Dotibi partem vnã, quem tuli de manu Amorrhæi.* O
Verbo diuino, diz S. Thomas, S Boauentura, o venerauel Bè
da, & por todos Sancto Ambrosio, que està no Ceo offere-
cendo a seu Eterno Pay suas chagas, como quem lhe apre-
senta por joya de seu triunfo, o lahir do mundo hum Chris-
to crucificado: *Vulnera suscepta pro nobis cælo in ferre voluit, ut
Deo Patri pretiũ nostræ libertatis ostenderet.* Quando o senhor
D. Rodrigo veyo de Tangere trouxe consigo hum cófresi-
nho pequeno, & conservou sempre com tanto resguardo,
que ninguem em sua vida o vio aberto (como se hauia de
ver thesouro que em sua vida se nam podia publicar:) ima-
ginauam todos, (& imaginauão bem,) que estaua no cófre
hum grande, & precioso thesouro; inferiam a preciosidade
pella reseruaçam; persuadiam-se todos que nam podia de-
ixar de ser algũa joya muy preciosa, prenda que com tanto
cuydado era guardada. Acabou o nosso Abel a vida, abrio-
se o cófre, viram todos a joya; em quanto viueo sò elle a
vio, tanto que acabou viraõna todos: nam a pode mais guar-
dar, porque se lhe acabou a vida pera o fazer: viueo sempre
conseruando em si esta joya, pera a deixar em grande esti-
maçam, antes de a largar perdeo a vida. Todo o juizo que
for fiel a Deos ha de afirmar que nam ha, nem houue, nem
pòde hauer joya mais preciosa no mundo: abri todos os o-
lhos da alma, & metei esta joya no coraçam. Aberto o có-
fre viram todos hum Christito crucificado: temos no audito-
rio testemunhas de vista, condignas de se lhe dar a mayor
fee: pera esta vóz ser bem entendida aqui hauiam de parar
todas. Demos a estas vòzes espèras; querouos descubrir to-
do o thesouro, & suspender de todo a admiraçam.

Achou-

Achou-se neste cofre, em que Christo Crucificado estava entesourado, hum liuro de oração mental, & dous cilícios de ferro: o liuro era hũ *vita Christi*, era a vida de Christo os textos por onde lia, porque o imitar a Christo Iesu era a lição de ponto em que se cansava: esta era pera o nosso Abel a lição mais deleitosa, aprender pella vida de Christo o que Christo obrara: por onde havia de ler quẽ só a Christo Iesu queria imitar? como podia gostar de outra lição quem não queria ter outra vida: quem tanto se prezava de Christão, que havia de ler senam a Christo; a vida de Christo era o seu estudo, porque imitalo em seu governo era seu intento: Christo Crucificado lhe servia de exemplo, o liuro de Christo era seu mestre. De toda esta verdade eraõ os cilícios de ferro testemunhas authenticas: onde Christo Crucificado he a joya do triunfo que se alcança, são os cilícios de ferro, cingidos a caraõ da carne, as armas com que se pejeja. Chamou Tertuliano ao sangue, & lagrimas de Christo, instrumentos originaes de sua honra: *Instrumenta originalia*: não ha thesouro mais precioso que aquelle que com lagrimas & sangue he adquirido: foraõ estes cilícios as laminas em que o nosso Abel deixou esculpido seu triunfo, foy Christo Crucificado a joya que entesourou seu merecimento: ninguem por seus triunfos veyo tanto a conseguir, que se podesse no premio ao nosso defunto Abel aentejar. Não se pode dar acçã mais gloriosa que dar-se sò Christo por satisfacãm na vida, atalhenos o discurso não nos faça o affecto arrebrantar o coraçã: parem aqui de todo as vózes entrem tambẽ nesta consonancia as doutrinas: Se desta oraçã não sahir nossa alma aprobeitada, nam contentará tanto a Deos esta harmonia.

Abel defunctus adhuc loquitur: Já dicemos como o nosso Abel depois de morto falava; faltanos agora saber com quem fala, & o que diz: até qui de nos auizos, agora darnos ha repostas; suas vózes foraõ documentos, seraõ tam-

bem suas repostas doutrinas; atègora falou Abel comfigo, agora fale tambem com nosco: falou já por si dizendonos como viuera, fale agora pera nòs ensuandonos como hauemos de viuer: já que sua vida he a que fala, seja nossa alma a que ouça. Com quem fala Abel defuncto? que diz Abelestando morto? Ambas as duuidas fundo, porque nem com quem fala Abel, nem o que Abel diz entendo: *Abel defunctus us adhuc loquitur*: Affirma S. Paulo que falla Abel, *Abel loquitur*: pois porque não declara S. Paulo o que Abel diz? As palauras suppoem os ditos: ninguem pòde pronunciar a palaura sem que o entendimento primeiro forme o dito: a melhor palaura que houve, nem pode haver he o Verbo diuino: naceo do entendimento, & teue ser (na opiniam do nosso Escoto) por hum dito, os ditos entendem as palauras: primeiro dita o entendimento o que depois expressamente refere a voz. Manifeste logo S. Paulo o que Abel diz, pois affirma expressamente que fala: *Adhuc loquitur*. O falar (este he o fundamento da segunda duuida) o falar suppoem audiencia (falo do modo com que os homens se entendem, já sabemos que os Anjos sem palauras são entendidos) ninguẽ se dà na vida aentender, sem que haja quem o possa ouuir, pois se Abel he orador, quem sam os ouvintes que tem Abel? se a oraçam he de Abel diganos S. Paulo quem tem Abel que o ouça. Se Abel ora, diga S. Paulo a quem ora; se Abel fala, diganos S. Paulo o que Abel diz: *Abel defunctus adhuc loquitur*.

Pello modo com que fala Abel, hauemos de entender o que diz; & pello que Abel diz, hauemos de ver com quem fala. Abel pello seu modo de falar declara o que diz, & pello estilo com que fala, diz com quem fala. Com todos nòs fala Abel, porque a nòs todos tem Abel que dizer: *Materia est nobis loquendi*: mas em particular fala hoje Abel a tres estados, ou generos de pessoas, porque tem com elles mais que falar. O modo de falar de Abel (já o sabemos,

mos todos) he falar com sua vida; as suas obras são as suas vozes: fala Abel com os seus poucos annos (estes são os órgãos, & instrumentos das vozes de Abel) fala com os seus poucos annos, fala com a sua nobreza, fala com a sua perfeição. Fala com a sua pouca idade (estes são agora os ouvintes aquem fala Abel,) fala com a sua pouca idade aos mancebos; fala com sua nobreza aos illustres; fala com o seu viver aos perfeitos. Aos mancebos diz (isto he o que diz Abel nesta oração, isto he o que intenta persuadir) aos mancebos diz, que se não fiem da vida; aos illustres, que não confiem na nobreza; aos perfeitos, que não presumão da virtude. Estes são os ditos de Abel, estes os seus auisos; diznos nesta oração que sigamos, se nos querem os salvar, estes conselhos: diz aos mancebos, que se acatelem, aos nobres que vigiem, aos perfeitos que não parem: porque o ser moço, o ser nobre, o ser perfeito não, são defensiuos para impedir a morte, são preuias disposições para abreviar a vida. Isto he o que Abel diz, estes são os auisos que dá Abel á nobreza, á mocidade, & á perfeição. Não pareça esta proposição de que os nobres, os mancebos, & os perfeitos, acabão mais de pressa, paradoxica; verãõ os originaes, & telhaõ todos por verdadeira.

Começemos pello grandes, (se são os mais arriscados, sejam os primeiros aduertidos,) Quando elegerãõ a Jehu por Rey de Israel, no dia de sua acclamação fizeraõ lhe logo hum trono: conforme a licção Caldaica, a forma do trono era a modo de hum relógio do Sol: *Ad gradum horarum, hoc est, ad horologium solare*: pois que mysterio podia ter com aquella eleição aquelle trono, os viuas do Rey com as horas do dia, os minutos de hum relógio com o leuamento de hum Principe? Teue grande conveniencia, & foi hũa discreta resolução: foy auisarem ao Rey nouamente eleito o perigo proximo em que estaua posto: tanto que lhe deraõ o grão da nobreza, logo lhe reduziraõ a poucos minu-

tos a vida: antes da eleição tinha annos, tinha horas: depois de levantado por Rey, não tinha sua vida mais que minutos: todas as seis idades que a vida humana pode durar, lhe reduzirão a breues minutos: entre o subir, & acabar não ha hũ só quarto de hora fixo pera viuer. Não vos fieis senhores da grandeza, porque a mayor he a que mais depressa acaba. Christo foy o mayor Monarca do Mundo, & no instante q̄aceitou a Coroa, perdeu a vida: Christo puse-raõlhe em casa de Pilatos a coroa, porẽ so na Cruz quando inclinou a cabeça lhe deu a aceitação: *Et inclinato capite tradidit spiritum:* com a mesma inclinação com que a aceitou, mo rreo: quem lhe quizesse dar os viuas, já o via morto: porque morreo no mesmo instante de coroadado: antes que che gasse à Cruz teue annos de vida, assi como hia chegando-se hia abreuiando o tempo: *Tempus meum prope est:* pouco a pouco hia deminuindo o tempo: *Modicũ, & non videbitis me: vtorum mo dicũ, & videbitis me:* a aproximação da Coroa lhe hia consumindo a vida: ao dia & noite de sua paixão chamou o Euangelista S. Ioaõ hũa só hora, porque estaua visinha à coroa: *Sciens Iesus quia venit hora ejus:* no instante que chegou a aceitação, acabouse de todo a vida: *Et inclinato capite tradidit spiritum.*

Que enganados andam na vida os menos annos, em se persuadirem que saõ pera chegar ao sepulchro os mais vagarosos! Entre o mouimento violento, & natural, ha esta bem fundada differença: o mouimento violento he no principio mais intenso: o mouimento natural pello contrario he no principio mais remisso, o mouimento da morte he violento porque o curso da vida he natural, naturalmente viuemos: violentamente acabamos: que açam ha mais propria que a vida, que acto ha mais violento que a morte. Da qui infira a menor idade, o mayor perigo da vida: os que tẽ menos annos, estaõ mais no principio do mouimento da morte

morte: os que tem mais annos estaõ mais adiantados, por isso os mancebos tem o mouimento pera a morte mais apressado; & os homẽs mais entrados na idade mais vagaroso: pois se a intençaõ dos mouimẽtos faz correr pera a morte a mayor pressa, mais arriscada tem a menor idade a vida. Correrãõ a manhã da Resurreiçaõ S. Joãõ, & S. Pedro pera a sepultura de Christo; S. Joãõ chegou primeiro, S. Pedro chegou depois: declarou logo S. Ioaõ, q̃ suposto q̃ partiraõ ambos juntos, q̃ elle por ser o mais moço chegou mais depressa. Em S. Ioaõ eraõ muyto menos os annos, em S. Pedro eraõ muytos mais: pois como não avia de chegar mais depressa á sepultura quẽ era menor na idade? S. Pedro porq̃ era velho, & nelle era o mouimento mais remisso chegou tarde; S. Ioaõ era mancebo corria com mouimento intento chegou logo. Não nos femos nos menos annos de vida, que pera a sentença da morte não val ser de menor idade.

Os perfeitos (pera bem) deuem ser os mais cuidadosos, porque á mayor perfeiçaõ da vida, se anticipaõ os ocafos. Criou Deos nosso Pay Adãõ, formou de hũa pouca de terra: assi como o hia compondõ, assi hia Deos na terra cauando; quãto mais Adãõ hia crescendo, tanto mais a coua se lhe hia abrindo: Adãõ perfeito o sepulchro aberto. Pois se Deos fez Adãõ tão perfeito, que era hũa imagem sua: *Faciamus hominem ad imaginem & similitudinem nostram*, como lhe offerece por espelho hũa coua? Não vedes que não podia sendo imagẽ de Deos, ser mais perfeito? pois como se lhe hauia de dilatar mais o ocafo? perfeiçaõ mais consumada he a que está mais proxima à sepultura, quem não pode na perfeiçaõ mais subir, faça logo conta de acabar. Sejaõ os nossos procedimentos ajustados, mas não percamos o cabedal por presumidos. Aspiremos todos na virtude a crescer, conhecendo, que a respiraçãõ dos perfeitos he acabar. Não presume a mayor virtude, não se discuide a menor idade; vigie sempre a nobreza, porque nobreza, puerícia, & perfei-

perfeiçãõ,tudo acaba. Em seus resplandores traz o Sol todos estes dotes retratados: he retrato dos mancebos, em seu nacimêto dos perfeitos em sua claridade; dos nobres em suas luzes: & porq̃ se vé nas excellencias taõ preferido, faz sêpre de seu ocalo espelho: *Oritur sol, & occidit*: no primeiro instante de nacido logo se cõsidera morto; sempre vigia, nũca para cõ o cuydado da morte anda sempre a correr, porq̃ como he symbolo dos discretos: *Sapiens permanet ut sol*, cada instante imagina que ha de espirar: *Oritur sol, & occidit*.

Testemunhe vltimamente Abel, q̃ he seu todo este discurso: vejamos todos como estas vozes de nossa doutrina, vam tambem debaixo de seu compasso. Abel já nos disse o que queria; pera confirmar o que tenho dito, direi eu agora o que Abel quer dizer. Abel foy hum dos mais illustres senhores do mundo, foy o sugeito nas perfeições mais adiantado, morreo mancebo na flor de sua idade: este foi o ser de Abel, foy illustre por sangue, foy perfeito na virtude, acabou a vida no melhor de seus annos. O nome de Abel era outro: Abel quer dizer hũa respiraçaõ do ar, ou hum vapor da terra: *Abel, idest anhelitus aut vapor*: he o mesmo Abel, que o ar que respiramos, ou hum vapor que se leuanta da terra como vemos: vêdes aqui senhores, o que saõ as grandezas do mundo: a mayor nobreza, a melhor idade, a mais consumada perfeiçãõ (isto he mais pera notar) não passaõ de hũa respiraçaõ, ou de hum vapor. A respiraçaõ, o mesmo ar que a recebe a consome; o vapor, o mesmo Sol que o leuanta o desfaz: todas as grandezas tem menos duraçaõ que hum momento, hũ só instante basta pera tudo o lustroso da vida perecer. Basta logo tambem esta harmonia de verdades pera nos desenganar: acabe aqui Abel de falar, onde nos deixa tanto que aprender: *Abel defunctus adhuc loquitur*.

Aqui onde as vozes de Abel parãram em sua harmonia, ponho eu tambem o vltimo ponto pera nossa consolaçam. Orando S. Ambrosio nas honras do Emperador Theodosio

fio, pera moderar ao auditorio o sentimento, allegou o mo-
 tiuo que todos tinham pera sua consolação. *Vuit iustus me-
 us in regione viuorum: recessit à nobis, sed non totus recessit: reliquit
 enim nobis liberos suos, in quibus eum debemus agnoscere, in quibus
 eum cernimus, & tenemus.* Viueo noſſo Iusto com Deo. (diz na
 ſua oração S. Ambrosio) apartãdoſe do mundo pera o Ceo;
 mas não ſe auſentou de nós de todo, deixounos ſeus filhos
 por ſeus ſuſtitutos, neſta ſuceſſão o podemos conhecer, por
 que todos nella o vemos, & todos ſuſtituido nella o logra-
 mos. Empreſtounos S. Ambrosio as palauras, mas não ne-
 ceſſitou o noſſo Abel defuncto de que lhe empreſtaſſe
 Theodoſio as obras. Retirounos eſta morte como de ou-
 tro Sol os reſplandores, porem pera noſſa conſolaçam dei-
 xounos a ſeis eſtrellas (que todas eſperamos ſer ſois) comu-
 nicadas ſuas luzes. Subio eſte Sol (ſol chama a Igreja aos juſ-
 tos: juſto he quem acaba como bom Chriſtaõ) ſubio eſte
 Sol a outro ſuperior emiſerio deixãdonos o noſſo illuſtra-
 do com ſuas luzes: muyto menos hauia Portugal de reſplã-
 decer, ſe lhe faltaraõ tantas luzes com que ſe alumiar. Se
 o Tronco da aruore deſta illuſtriſſima geração, não ficara
 neſte ramo taõ florido, ſem ſeus fruitos virafe Portugal ne-
 ceſſitado. Quando Deos mandou cortar a aruore da no-
 breza dos Aſſirios, figurada toda em Nabucodonoſor; pe-
 ra conſolaçam daquelle Imperio, deixoulhe as raizes na
 terra: a eſte noſſo Reyno de Portugal fez Deos mais, por-
 que ſe neſta morte ſeparou as raizes, multiplicou as flores.
 Acabou Chriſto na Cruz com o titulo de Nazareno: *Ieſus
 Nazarenus*: pera deixar ſeu Reyno florido: com eſtas flo-
 res de Portugal, ficou o noſſo Reyno ornado. Animemo-
 nos todos com eſta herança, moderemos o sentimento
 com eſte fauor, tomemos por aliuio de noſſa pena, os meſ-
 mos motiuos de noſſa commiſeração; que ſe hoje vemos
 tantos reſplandores debaixo daquelle tumulo ſepultados,
 breuemente os tornaremos a ver glorioſamente renasci-
 dos

dos. Ainda que em nossos coraçõs está o sentimento de posse, demos tambem hoje lugar à consolaçã; faça o alivio tregoa com o tormento, que quem nos deixou tam grandes esperanças, fundamento nos deu pera moderarmos as lagrimas. Por acabar como justo, podemos piedosamente crer que reyna já com Deos o nosso Abel em sua Patria, demoslhe todos hum *Requiescat in pace* por viua. Amen.



FINIS.

EM LISBOA

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina CRAESBEECKIANA.

Anno. 1659.